

DEPOSITO LEGAL

**MARIA RITA**

SEMANARIO

Directora Illustrada de

ARNALDO LEITE  
CARVALHO BARBOZA  
JOSÉ DE ARTIMANHA

Director Artístico e Secretário da Redacção

OCTAVIO  
S&A Lda

OCTAVIO SÉRGIO

# LIXEIRA NACIONAL



Maria Rita — Sume-te, careca! o lixo é tanto que nem uma pessoa sabe onde o botar!



Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.ª

Redacção e Administração,  
Rua do Almada, 107-2.º  
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na  
Imprensa Portuguesa,  
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

*Continente e Ilhas*

Ano . . . . . 45\$00

Semestre . . . . . 24\$00

*Colónias*

Ano . . . . . 50\$00

Registado . . . . . 70\$00

*Estrangeiro*

Ano . . . . . 60\$00

Registado . . . . . 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

## Damos hoje ainda o plano do Concurso do Natal e Ano Bom

# JOGO DO QUINO

A MARIA RITA publicará a fotografia de um cartão vulgar, dos que se empregam no **JOGO DO QUINO**. Como em todos os cartões desse jogo, haverá neste nosso, 15 números, que será necessário preencher no prazo de 5 semanas.

Semanalmente serão tiradas pela MARIA RITA 3 bolas, correspondentes a outros tantos números dos que estão no cartão. O controle será feito como todos os outros por um envelope devidamente lacrado e exposto na Agência de Publicações do sr. Manuel da Silva Braga, à Praça da Liberdade, do Pôrto.

O concorrente tem direito a marcar **semanalmente 4 (quatro)** números de seu palpite sobre o nosso cartão, que recortará, remetendo-o até à quinta-feira seguinte.

**Fica portanto com 8 palpites** a seu favor, visto que nas 5 semanas tem 20 palpites, contra 12 números em que deve acertar em virtude que os da última semana não será necessário adivinhá-los, pois, serão os últimos do cartão.

Os prémios serão distribuídos da seguinte maneira:

**1.º prémios** — Entre os concorrentes que consigam fazer uma **tumba**. (Isto é: encher completamente o cartão — 3 quinas).

**2.º prémios** — Entre aqueles que consigam fazer duas quinas e um terno.

**3.º prémios** — Entre aqueles que só alcancem duas quinas.

**4.º prémios** — Entre aqueles que só alcancem uma quina.

### E SERÃO OS SEGUINTEs:

**2 primeiros prémios** de 500\$00 esc. cada.

**2 primeiros prémios** do mesmo valor representados por objectos oferecidos.

**2 segundos prémios** de 100\$00 esc. cada.

**2 segundos prémios** do mesmo valor representados por objectos oferecidos.

**2 terceiros prémios** de 50\$00 esc. cada.

**10 terceiros prémios** do mesmo valor representados por objectos oferecidos.

**100 quartos prémios** representados por dinheiro ou objectos oferecidos num valor nunca inferior a 10\$00 esc.

Dos objectos oferecidos podemos desde já dar a seguinte lista:

**1 magnífico corte de fazenda para fato** oferecido pelo grande amigo da MARIA RITA, sr. José do Sul.

**1 grafonola e 6 discos**, oferta gentil da casa acreditadíssima do sr. Ricardo Lemos.

**6 pares de ligas para senhora**, em seda, oferecidas para o nosso concurso pelo célebre Pinto Camiseiro.

1 dúzia de caixas do conhecido **Pó de Arroz Belkiss**, oferta do seu representante sr. A. J. de Almeida.

**25 latas de conserva especial**, que nos ofereceu a grande fábrica de conservas de Matosinhos A «Continental».

**1 colecção de latas para despensa**, esplêndido presente para uma dona de casa, que devemos à gentileza do sr. J. Vieira Coelho.

1 peça dos célebres cotins «**Campo do Cirne**», que o sr. Sebastião Ferreira Mendes nos mandou.

**1 caixa de Pôrto Velho** marca «**Aidinha**», oferecida pela casa exportadora de Manuel Augusto Baptista, L.da.

**1 dúzia dos sabonetes afamados mundialmente «Flor do Campo»**, que o seu agente nesta cidade, sr. Carlos Teixeira Figueiroa, nos ofereceu.

**1 colecção de chocolates**, fabrico esmerado da grande fábrica «**Celeste**», do sr. Manuel C. Pais.

**1 esplêndido guarda-chuva de seda** (para homem ou senhora), oferta da conhecida casa da Rua dos Caldeireiros, 30, dos srs. Correia, Teixeira & Cunha.

**2 elegantísimos suportes para retratos** que devemos à gentileza da Casa Figueiredo da Rua 31 de Janeiro.

**1 caixa de vinho velho do Pôrto da grande marca «Pôrto Barros»**, que os seus proprietários Barros, Almeida & C.ª, de Gaia, nos mandaram.

**1 caixa dos magníficos sabonetes «Automóvel Club de Portugal»**, que os representantes e depositários da Saboaria e Perfumaria Confiança, de Braga, srs. Monteiro & Sousa, L.da, da Galeria de Paris, nos enviaram. Este sabonete além de ser um apreciável produto para toucador, encerra no seu envólucro um mapa automobilista da Península.

De um amigo da MARIA RITA, recebemos um lindíssimo **pano para mesa** caprichosamente bordado à mão, no valor de 200 escudos.

Igualmente pelo nosso amigo sr. Portugal de Brito, nos foi oferecido um interessante brinde manufacturado no grande atelier de sua Ex.ª Espôsa, a grande costureira portuense, sr.ª D. Izaura Pinheiro de Brito.

**1 frasco de Agua de Colónia** oferecido pela fábrica portuense «A Perfumista».

E a bicha seguirá porque a MARIA RITA é alguém na nossa terra.





# Factos e prestações

## Crónica anacrónica

Provado que o Pôrto necessita de mais mil e quinhentas camas (só para os doentes pobres, porque dos ricos não há que ter pena, e, quanto aos noctívagos com um grão na asa, que não consigam recordar-se do sítio onde moram, sempre aparece um portal escancarado onde possam deitar-se ao comprido) logo na cidade se fez um grande movimento, tendente a acabar com êste estado de coisas.

Foi a primeira vez, desde os já recuados tempos da Patuleia, que o Pôrto se levantou como um só homem. E compreende-se que, por falta de camas, êle se tivesse levantado. «Cada qual dormirá na cama que fizer» — diz o ditado, e não sei se a Sagrada Escritura. Ora o Pôrto, de há meio século para cá, a única coisa que tem feito, é não fazer coisa nenhuma. Nem sequer a cama. Apesar de isso, tem dormido como um bem-aventurado. Acordou agora, para pedir a Csa do Douro e um hospital. A Casa do Douro, já lhe foi concedida, recheada como um ôvo, e com alimento que farte... O hospital, há de ser um bocadinho mais difficil. Entretanto, pode-se ir aproveitando, para o efeito, a Casa Sousa, da rua 31 de Janeiro, ou a Casa Paiva, da rua dos Clérigos; porque, embora o Paiva e o Sousa sejam rios de menor importância que o Douro, nem por isso deixam de figurar nas corografias portuguesas.

Parece, porém, que um só hospital não chega, visto que, tendo o burgo de D. Moninho pedido o hospital da Cidade, logo os lentes da antiga Escola

Médica se apressaram a solicitar o hospital da Faculdade. E é de crer que a coisa não fique por aqui. Bacoreja-me que não tardarão muito a mexer-se a Associação Médica Lusitana e a Ordem dos Advogados, impetrando hospitais privativos para aqueles dos seus membros que adoecerem de fome, por absoluta inóipia de clientes. E é justo. Se já tem hospital seu a Ordem de S. Francisco, a Ordem do Carmo, do Terço e da Lapa — lagarto, lagarto, lagarto! — porque não há de tê-lo a Ordem dos Advogados?

\*

Seja, enfim, como fôr. Venha o primeiro, ao menos: o hospital da Cidade, já que o Pôrto, até hoje, pouco tem participado da assistência pública. E na previsão de que o Estado se lembre enfim de nós, eu permito-me indicar desde já alguns artigos do regulamento a pôr em prática no futuro hospital. Assim, não serão permitidos mesários feios nem enfermeiras bonitas. Ambas estas classes de indivíduos constituem um perigo constante para os doentes. De uma vez, certo mesário da Misericórdia entrou na enfermaria onde se encontrava, a tratar um pé luxado, uma pobre mulher que contava ser mãe de aí a cinco meses. Assemelhava-se muito êsse mesário, no físico, ao Deus Vulcano, e era tal a fealdade das suas feições que a Comissão de Estética tinha chegado a pensar em o expulsar da cidade. Pois bem: êle a penetrar na enfermaria, e a pobre rapariga a precipitar os

acontecimentos. O professor Almeida Garrett, que tão devotadamente se tem dedicado à puericultura, deu um sor-talhão com o caso.

Ao invés dos mesários, as enfermeiras devem ter, pelo menos, duas verugas no nariz, os olhos estrábicos e o queixo inferior em quilha de sãveiro. Para que os doentes se não apaixonem por elas e não possam sentir a mórbida excitação dos ciúmes ao saberem que cada uma de elas alimenta relações íntimas com o médico.

E é indispensável, também, que os enfermeiros sejam delicados, durmam apenas doze horas por dia e não aceitem das famílias dos doentes gorjetas superiores a cinqüenta escudos de cada vez. Também não seria mau que os mesários soubessem ler e escrever e se não metessem a discutir com os clínicos da casa assuntos de que não percebem patavina. Mas isso é quasi impossível de conseguir, enquanto os carapuceiros de que falava Júlio de Matos forem influentes dolíticos.

Marcial JORDÃO.

NAS

**Galerias Lafayette**

— da RUA FORMOSA — PORTO —

todos os artigos  
teem um cunho  
parisiense inxcedível

AUX GALERIES LAFAYETTE

**RESTAURANTE PORTUENSE**

(Antigo Pinto)

DE **Messias de Almeida**

Rua de Entreparedes, 11 — PORTO

Almoços com vinho . . . . 9\$00

Jantares com vinho . . . . 10\$00

Diárias com quarto desde 18\$00



## Balancete da semana

Vejam os jornais:

\*  
\* \*

Foi em Bragança.

Dois rapazes do Banco Ultramarino,  
que são integralistas de pujança,  
fizeram uma festa em que houve dança,  
doce do mais variado... e vinho fino.  
A's sete da manhã, ao recolher  
— quando surgia da alva o rosicler —  
avistaram em certo saguão  
um par de raparigas

que eram no todo, do cabelo às ligas,  
apetitosas como o bom melão.  
Saltaram dentro. E cada um, armando  
... em Armando Duval, ou D. João,  
tentou portar-se, sem vergonha ou siso,  
tal como se portou no Paraíso,  
para com a mãe Eva, o pai Adão.  
Gritos... apelos de socorro... E surge,  
em pijama e chinelas, o patrão  
(que, por acaso, é chefe da polícia)  
que protesta, se exalta, que se insurge  
contra a nunca sonhada impudicícia,  
e espeta co'os dois mecos na prisão!

Pobres integralistas, que o destino  
tão cedo atraíçoou,  
e fizeram, com tanto vinho fino,  
um cálculo... integral, que lhes falhou!

\*  
\* \*

Estão em moda os tais leilões em verso  
pela radiofonia,  
e sôbre êste cantinho do universo  
flutua, imponderável e disperso,  
o génio da Poesia.

Um Perú, outro dia,  
provocou um caudal de versalhada;  
dava cinco mil reis quem concorria,  
mas quem ouvia... não pagava nada.  
E era de ver, à meia-noite em ponto,  
cada um dos poetas, meio tonto,  
de olhos em brasa e de pescoço nu,  
não com a mão na testa, mas de-certo  
em outro sítio muito mais coberto,  
procurando uma rima p'ra peru...

\*  
\* \*

Ano de paz e amor... Lá continua  
a guerra em Pôrto-Artur mais em Shangai;  
e nos plainos do Chaco,  
levam p'ra o seu tabaco  
ora a Bolívia, ora o Paraguai.  
E assim, leitor, já vêes  
que o ano 33  
herdou as manhas e o cariz do pai.

Pousa aqui... pousa ali...

## Jejuar ou não jejuar...

Os jornais tôdas as semanas nos oferecem o seguinte prato obrigatório:—  
*O Gandhi vai recomçar o jejum.*—  
*O Gandhi está a jejuar.*—  
*Gandhi acabou com o jejum.*—  
*Gandhi voltou novamente a jejuar!*

Irra! Mas que temos nós com isso?

Maluco que come ou não come, que influência pode ter nos destinos da humanidade?

Não lhe liguem importância, e vão ver como o homenzinho se atira à comzaina que até é capaz de morrer de indigestão.

Se êle jejuar é porque quer, não nos devemos incomodar por isso. A quem devemos prestar atenção é aos infelizes que jejuam à força, por não terem um bocado de pão para comer.

## As amabilidades da banda di lá

Alguns jornais brasileiros não perdem a ocasião de nos serem *agradáveis*, mimoseando-nos com insultos bundos e ditos de espírito fabricados com cana do paraty.

Nós já devíamos estar habituados àqueles desabaços de feijoada mal digerida, mas sentimo-nos sempre, quando recebemos um coice do burro que foi ferrado por nós e a quem ensinamos a arrebiter as orelhas.

A fraternidade luso-brasileira!

A eterna *blague* do nosso ingénuo Dr. João de Barros!

Os portugueses só se poderão entender bem com os brasileiros no dia em que se deitarem tôdas as árvores abaixo, no Brasil...

## Os santos roubados e as obras de misericórdia

A gatunagem cansada de roubar os misereros mortais, voltou-se agora para os santos e santas da corte do céu.

Todos os dias lemos nos periódicos que furtaram um anel ao S. Gonçalo, as esmolas do S. Torcato, os cordões à Senhora do Sameiro, os brincos à Santa Luzia...

E' uma raziá completa.

O mais bonito é que os santos, que que deviam dar o exemplo da humildade e da pobreza, não se conformam com os roubos e vão queixar-se à polícia!

Mas o que há-de fazer a polícia?

Prender os gatunos? Não! Isso pode lá ser!

Sabe-se lá se os autores do furto são miseráveis esfomeados, que recorrem aos santos para que êstes cumpram com as *Obras de Misericórdia*, dando de comer a quem tem fome e de beber a quem tem sede?!



# Uma grande chia... tice

Da língua de fora, ao rabo da mesma  
— Coelhos, cães, gatos e garotos rotos

Vossas Excelências devem saber, porque vem em todos os jornais, que a moda do Yó-Yó passou de moda. Ou porque os braços se cansassem com tantos movimentos de vai-vem, ou porque o pêssego afastasse de vez o incansável caroço, o que é certo é que os raros Yós-Yós que hoje aparecem, parecem perus na véspera do Natal: andam todos de monco caído.

Julgamos de princípio que o canso baixasse de vez sôbre nós, porque já andávamos com os olhos envidados de tanto ver subir, descer, fazer a volta ao mundo, andar de gatas, rolar pelo passeio, petrificar os transeúntes e o mais que podia fazer um Yó-Yoista notável. Mas não. Agora os olhos, felizmente, já não vão para o pêssego, mas em compensação, os nossos ouvidos fôram alarmados com uma coisa nova.

## Anda por êsse Pôrto, agora, um "chi-chi" infernal

Mas não vão julgar Vossas Excelências que êste chi-chi é de molhar. Não, meus senhores, é de ouvir e dá-nos cabo dos ouvidos. Este penetra-nos muito mais! Quem tem a desgraça, como nós, de passar um dia inteiro no Passeio das Cardosas (não somos daqueles brasileiros que cortam os cupões que não são pagos) chega ao fim da tarde mais morto do que vivo.

E' que hoje em dia, tôda aquela fauna barulhenta que vendia Yó-Yós, passou a vender nos mesmos taboleiros uns bicharocos de raça indefinida, que tanto deitam o rabo de fora, como a língua ou os olhos, e que a cada movimento dêstes apêndices fazem um chi-chi atordoador.

## Berram os homens e chamam os bichos

E esta bicharada é tão bexigueira que faz "chi-chi" um dia inteiro, e tão mal educada que deita a língua de fora a todo o transeúnte que adregue de passar no passeio mais típico e mais miserável do Pôrto.

Vê-se ali uma dúzia pelo menos de garotos com um dos animaizinhos em cada mão, oferecendo-os a dois escudos por cabeça e enchendo o ar com uma chiadeira que vai além do ganir dos eléctricos e do troar dos sirocos automobilísticos.

E' o coelho que ergue a cauda e arrebita as orelhas; é o gato que encrespa os bigodes e enteza o rabo arreganhadamente; é o cão que deita a língua de fora e arregala os olhos desmedidamente.

E todos êles fazem "chi-chi" a cada movimento, a-pesar-de a gente saber pela fábula que o cão ladra, que o gato mia e que o coelho guincha de mansinho.

## Causas e efeitos do "chi-chi"

E êste desgraçado passeio das Cardosas, que em uma centena de metros abriga pelo menos, quatro cauteleiros, sete vendedores de jornais, cinco chineses, dois pobres, dois agulheiros da Carris, doze vendedores de fósforos ambulantes, quarenta e dois portadores de títulos brasileiros, quinze corretores de fundos e um padre, alimenta agora, além disso, mais uma dezena de vendedores dessa bonecada de carregar pela barriga e que solta ais como quem andasse de hemorróidas: estendendo o rabo!...

A causa, já sabemos, está filiada na enormíssima crise mundial; mas os efeitos, êsses é que se desconhecem por enquanto. Mas não tardará a ver-se uma espécie nova de loucura não catalogada ainda.

E êsses malucos hão-de dar, com certeza, muitíssimo que fazer à Excelentíssima Câmara, porque andarão a fazer chi-chi por todos os cantos.

Que grande chia... tice!

J. d'A.

Fazer circular a MARIA RITA, mesmo dada ou emprestada, é contribuir para a sua expansão sempre  
:: :: :: :: em aumento :: :: :: ::

## Inversões

Sou Maria da Esp'rança  
E arranjei um namorado  
Bonitinho, perfumado  
Que de amar-me não se cansa  
Mas tem tal ar de criança,  
(Uns modos... umas falinhas...)  
Que, para as minhas vizinhas,  
Não goza de boa fama.  
E é a mim, que êle chama  
Maricas ou Mariquinhas!!!

(Açôres).

Dr. PRETITO.

## PERFIS DO PORTO

XXXII

JOSÉ BARBEDO



Uma jóia da Ourivesaria Portuguesa.



# MARIA RITA nos "cabarets" de Paris

Do "Chez Elle" ao "Lapin agile" — Do Amor  
pão-pão queijo-queijo à sua estilização —  
A razão da partida da MARIA RITA

Resolvemos a bem dos nossos leitores, fazer a vontade à nossa matrona-mor ávida de novos horizontes. MARIA RITA há muito tinha manifestado desejos de vilegiatura amena físico-espiritual à cidade da luz. Não devíamos privá-la da sua oportunidade. Partiu. Antes, porém, convém elucidar os nossos leitores da magna razão que a impeliu de deixar os pátrios lares pela vez primeira. Foi, como vamos ver, ainda a aguçada curiosidade feminina que operou. Ela vai contar-nos:

Nos arredores de Boticas, além do Mestre escola, do Chefe do pòsto, do Abade, do Físico, havia um lavrador bonacheirão mas astuto que tinha sempre remate para todos os colóquios. Era este mesmo um sonhador viajante a Paris. Dizia sempre:—Trabalharei a vida inteira mas sempre quero ver além de tudo em que é que as mulheres são diferentes das nossas! Passaram-se anos sôbre anos e eis que um belo dia a sorte grande bafejou o nosso homem com vinte contos. Chamar o Mestre-escola que lia francês e seguir viagem foi obra de um momento. No combóio o nosso homem repetia ao pedagogo:— Sempre quero ver a diferença...

No Quai d'Orsay desceram, e ao entrar nos boulevards repetia ainda o nosso homem ao Mestre-escola: Ora vamos lá ver essa diferençasinha.— E sorria...

O Mestre-escola que pela sua intuição havia lido bastante sôbre a vida parisiense levou-o ao primeiro hotel que lhe indicaram e que por curiosa coincidência era servido só por senhoras. A' entrada recebeu-os uma respeitável matrona de lunetas, tôda vestida de preto, a quem o Mestre-escola pediu um quarto para os dois. Ela sorriu amavelmente. Fêz subir a bagagem. Acompanhou os visitantes e consecutivamente pela observação inteligente dos novos hóspedes mandou preparar um banho perfumado para cada um, rogando-lhes para no final tocarem a campainha pelas maçagistas.

Tocados pela curiosidade tanto o nosso homem como o colega instrutor rapidamente tocaram a campainha em questão. Irrepreensivelmente de branco aparecem duas maçagistas sorridentes

que se apressam a conduzir os hóspedes ao indispensável banho. Rápida e proficientemente executado o banho turco, os nossos homens sofrem a indispensável maçagem com água de Colônia e âmbar. Ambos muito embaraçados ao princípio lá se foram aclimatando àquela nova *toilette* do nu.

Carinhosamente maçados no final o nosso com espanto observa que a operadora vai buscar um recipiente metálico com o feitio dos que lá na aldeia serviam para conter o produto adocicante do qual retira uma *houppe* macia e vaporosa, e começa ministrando o dulcíssimo pó sôbre o seu lavado corpo. Eis senão quando, ao passar da pluma naturalmente pela região mais sensível, o nosso homem com cócegas meio rindo meio falando, acaba por exclamar para o companheiro:

—Oh mestre de Boticas! Olha a diferença! Isto com *assucre* até eu!...

E foi na realidade este *açúcar* que me impeliu, afirmou-nos MARIA RITA, a Paris!

Aqui teem os leitores a insaciável curiosidade feminina, que desta vez nos foi benéfica, pois produziu esta viagem relampago. Não foi mistério pois que isso de mistério... tôda a gente sabe ao que vai e a nossa patroa não vai senão quando lhe cheira.

Como nota curiosa da chegada MARIA RITA conta-nos da sua atrapalhação ao descer para o *metro* julgando descer na Avenida dos Aliados com o fim de procurar um natural alívio. Encontrão de um lado, reviravolta do outro até que, vindo ao limiar do boulevard outra vez, notou que já estava... aliviada como na história do gago.

A' noite Folies Bergères, depois de um suculento repasto aonde das ostras ao caviar ela nos diz que de tudo o mais indigesto foi a *addition* no final, pois até o ar que respirou no Restaurante pagou!—Setenta francos da minha alma, exclamou ela. Lá na minha terra abençoada comia uma semana. No Folies viu as artistas a andar no palco como se fossem nereidas, e distraída exclama:—*Que lindos limõesinhos!* como se no fundo do mar houvesse limoeiro! Isso só em Lisboa, e dizem que é prisão para os mal intencionados!

Mas, dizia a MARIA RITA, afinal não foi o que mais me encheu as medidas!—Depois foi ao *Lapin Agile*. Até ali tudo tinha sido de colarinho engomado, tudo triques e com aflições de compostura e maneiras... Mas ao menos no *Lapin Agile* viu o *cabarettier*, um cara unhaca cá dos nossos muito à vontade que me disse—*Asseyer vous de fesses, Madame. Je veux dire de face...* acrescentou, e sorriu... Mas foi muito engraçado, contou coisas, disse anedotas, explicou porque é que as galinhas não tinham os ovos pela bôca. E é verdade, esta de uma pessoa não poder comer seja o que fôr vomitado... Tinha razão, mas então não percebo porque tôda a gente gosta de ovos pelas vias legais. Lá no Brasil, vá, mas aqui não há a correlação do clima!

(Continua).

Zé PHYRINHO.

## Boa procedência

•••

*Um gatunório barato,  
D'estes que, p'ra encher o prato,  
São capazes de roubar  
Tudo quanto se encontrar  
Bem à mão de semear,  
Foi a um ourives vender  
Quanto ête pode cother  
Durante um dia passado  
Em trabalhinho aturado:  
— Dez relógios bem geitosos.*

*Deitando olhar's duvidosos  
P'ra tanto relógio junto,  
Disse, coçando o bestunto,  
Para consigo, o logista:  
— Ou é cá da minha vista...  
E falando alto:— Eu comprava  
O que me trás. Desejava  
Contudo, que me dissesse  
Qual a sua procedência...*

*Responde o rato, com um gesto,  
Ofendido, quasi honesto:  
— Mas que pergunta! Oh! Vocência!...  
E o seu roubo, apontando,  
Acrescenta, em moda brando,  
P'ra melhor se acreditar:  
— Eu posso-lhe até jurar  
P'las escrituras sagradas,  
Que os seus proprietários são  
Todos, pessoas honradas!*

Dr. KNOX.

BARROS



VINHOS DO PORTO  
DE  
QUALIDADE SUPERIOR



## Roupa velha

comprada aos trapeiros de tôdas as semanas

Hoje mete miscelânea, meus senhores. Temos aqui um pratinho de meio que é de arregalar o olho. Ora vejam este *hors d'oeuvre* que é um apetite.

E' um sonetinho que veio publicado no *Liberal de Basto*.

### Sonetinho

Que graça tens Helena,  
Flor do meu vergel?...  
E's tão doce — que mel  
Te osculta a alma plena.

De recordações vastas!  
— Sonho! — que se fez pranto...  
— Esqueci essas datas.  
Arranjet belo manto.

Para encobrir desgraças,  
— O cacto abraça  
Dum ramo onde choram...

Corpo pletórico amei  
Esta alma só eu sei  
Fim!... Meus olhos moram...

### Diniz Cupertino.

Esta Helena que tem um corpo pletórico e que abraça o *cactus* para encobrir desgraças, com certeza pôs maluco o sr. Diniz Cupertino.

E' lá possível que um homem, já não dizemos com cabeça mas ao menos com a primeira sílaba do seu apelido, seja capaz de escrever um sonetinho tão bem apanhado como este. Vamos jurar que o Marques Damião, de Cacia, não sabe da existência do cantor da Helena, senão, já o tinha nomeado correspondente da região de Basto.

No *Correio da Feira*, semanário que se publica na Vila da Feira, vinha outro dia a seguinte declaração, que não publicamos na íntegra, porque a MARIA RITA é uma mulher honesta. Confessamos, no entanto, a nossa grande pena por esse facto, porque seria esta a melhor página do *Descanso Semanal*. Vamos, no entanto, transcrever o que podemos.

### Declaração

*Contrariado pelo facto de uma mulher de mau porte fazer correr que anda grávida e que eu sou o autor da sua gravidez venho tornar pública a calúnia sem fundamento desta atoarda, porquanto provo com os documentos abaixo publicados que nenhuma mulher me pode atribuir a paternidade das suas concepções mais ou menos clandestinas.*

João Lima.

Prescrição do medico especialista dos órgãos genito-urinarios o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Oscar Moreno, director dos Serviços de Urologia no Hospital de Santo Antonio do Porto.

Para o sr. João Lima  
P.<sup>a</sup> pesquisar a existencia de fecundantes e determinar a sua vitalidade. (assinado)  
Dr. Moreno.

Laboratorio Médico do Professor Alberto de Aguiar

Amostra 73.531

Secreção 2143

Análise qualitativa 43847

Apresentada para investigação de fecundantes e sua vitalidade pelo sr. João Lima por indicação do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Oscar Moreno.

Certifico que o líquido fluido, pouco e com grumos opacos colhido em preservativo, só contém leucocitos, células em descamação, glóbulos rubros e granulações varias amorfas.

Conclusão. Líquido infecundante.

Porto — Laboratorio Médico, 5 de Dezembro de 1932.

R. da Restauração, 365

Esc. 50\$00 (assinado) Alberto de Aguiar

Vila da Feira, 6 de Dezembro de 1932.

João Lima.

Chama-se a isto em gíria popular pôr um tipo a si mesmo a cabeça ao léu. De onde se prova, portanto, que era mentira o que dizia a tal mulherzinha. Desgraças que acontecem.

E agora, já chegamos cá ao Pôrto. Ora af está um anúncio do *Jornal de Notícias*.

### Casamento

*DESEJAM efectua-lo menina de 24 anos, orfã, reunindo as mais diamantinas qualidades e avultada fortuna, e viuva com 250 contos e casa bem instalada e ainda nova, com cavalheiros honestos e bem colocados. Cartas a Dominguez — Santa Catarina — Porto. Apresentação rapida e absoluta reserva.*

A primeira é um verdadeiro achado. Orfã, 24 anos, diamantinas qualidades e avultada fortuna, dá vontade de a gente se divorciar, só para ter o prazer de voltar a casar. Mas que diabo de defeito terá esta criatura que conseguiu atingir a orfanidade e os 24 anos sem entregar o dinheiro a nenhum feliz? Se calhar deu uma pequenina parcela, e é por isso...

Quanto à segunda, a coisa é mais complicada. Os 250 contos, está bem, e devem estar certos. Agora quanto à idade, é que não percebemos. Afinal quem é nova? E' ela, ou é a casa? Aqui deve haver confusão propositada.

Vejam agora esta correspondência do benemérito *Comércio do Pôrto*. E' de Angeja, e esta particularidade que de começo nada indica, é suficiente

para dar razão a uma cabazada de asneiras. E' que Angeja fica muito próximo de Cacia.

### Angeja, 9

*Ontem pela tarde quando passava pela Varzia 5 de Outubro uma caminheta carregada de pedra saiu-lhe uma roda de trás, indo o veiculo com a parte trazeira lavrando pela estrada, quebrando as molas e a outra roda superior, não havendo desastres pessoais.*

— Segundo nos informam pela iniciativa do engenheiro agronomo sr. Eduardo Souto e dr. Ricardo Souto, ambos desta vila se vai reconstruir o Pelourinho que foi instaurado na Praça da Republica em 1543.

Para o Pelourinho, aproveitou-se as pedras do antigo oferecendo as restantes o sr. Eduardo Souto e Londim Freitas Assis.

Tambem pela iniciativa dos mesmos senhores, para o proximo mes de Março com o produto das Pastorinhas, deste ano será reparada a Praça da Republica.

Que a Praça correndo a estrada que leva esteios de pedra esquadria e que fica em nivel, até ao chafariz e que daí para baixo que faz a descida, fica na mesma por causa de os carros subirem e descerem.

Logo que a Praça é preparada podiam pô-la toda de nivel fazendo ao fundo uma escada e um muro aterrando a rampa que faz e por causa de ninguém cair porem-lhe uma balustrada em cimento ou tijolo, ficando assim um serviço que todos possam apreciar, levando correndo a rua umas arvores.

Se assim ficasse é certo que os carros já não podiam sair ao fundo da praça, mas saiam pelo mesmo sitio que entrassem ou então provir-lhe a entrada na praça. — C.

*Provir-lhe a entrada na Praça, quando é certo que eles podem sair pelo mesmo sitio por onde entraram!* Isto não se faz, sr. correspondente de Angeja! Lá que a camioneta fôsse com a parte trazeira lavrando a estrada; agora o resto, não! E o sr. Dr. Bento Carqueja, bem podia pôr lá na redacção alguém que mandasse matar estes correspondentes da região do Vouga, que fazem do *Comércio do Pôrto*, um ninho de galgalhadas.

E finalizaremos com mais uma taboleta. Esta existe em Aveiro (sempre o Vouga) junto à linha do V. do V., na parede duma taberna, e diz assim. E' em verso:

### ADEGA

### ATENÇÃO?

QUEREIS BEBER UM COPO?  
DO MILHOR VINHO DA BAIRRADA  
VEM AQUI AO ZÉ DAS CRUZES  
PAGA JÁ, QUE NÃO FICAS DEVEN-  
DO NADA.

### A PETISCOS



## Origem da palha

Agora que chove aqui na redacção como se fôsse lá fora, achamos oportuno dizer aos nossos queridos leitores alguma coisa a respeito do chapéu de palha e seu fabrico.

Em primeiro lugar falaremos da palha, ainda que isso dê na fraqueza, a quem não fôr completamente inteligente. A palha é uma planta agulhiforme, completamente herbácea que só o é quando deixa de ser erva.

Dizem os historiadores autorizados que a palha foi descoberta por um cabo da guarda fiscal no tempo da guerra de Tróia, pelo que o assaz conhecido *Cavalo* ficou extremamente grato.

No entanto, os Srs. Damião Peres e Mendes Correia garantem que já *Ramsés II* a descobrira no baixo Egipto, 3500 anos antes de J. C.

O que é positivo é que havia palha no tempo em que nasceu Cristo, porque dizem as escrituras que o Menino nasceu em uma manjedoura, e palha e manjedoura são duas coisas inseparáveis. Mais: senão houvesse palha, não haveria manjedouras.

## Palhotípa — A palha na Australásia

Há duas espécies de palha: a palha propriamente dita, de grande utilidade alimentícia, e a palha propriamente não dita, que é a dita palha para chapéus, vulgarmente conhecida por *palha penantiforme*, porque nasce já em forma de penante.

Na zona meridional da Australásia,



# ENSINAMENTOS INDUSTRIAIS

## Inquérito oportuno — O fabrico do chapéu de palha

há um tipo de esta herbácea que nasce já com fita e tudo!

E' só uma pessoa passar pelas searas penânticas, colher um chapéu em flor e pô-lo na cabeça, sem dizer água vai, completamente de graça!

O Sr. Dr. Bernardino Machado, que se supôs até agora ser natural do Rio de Janeiro, nasceu na zona meridional da Australásia e de aí é que lhe ficou o hábito de tirar o chapéu a toda a gente.

E se o Sr. Dr. Queirós de Magalhães não é australasiano extreme, está

averiguado que Sua Excelência foi professor de ginástica rítmica de uma escola da Australásia, onde, pela abundância da herbácea penantiforme, se habituou a tirar o chapéu a toda a gente que passa.

### Cultura da palha

Primitivamente, a herbácea penantiforme, nascia espontaneamente como

nascem os grandes homens em Portugal.

Hoje é preciso semeá-la devidamente.

No geral, aproveitam-se os chapéus velhos, tiram-se tôdas as pevides e põe-se a secar ao sol em uma eira especial.

Depois de bem sêcos, e após a lavra da terra, semeiam-se as pevides, devendo as regas ser abundantes e freqüentes.

Três meses depois, desabrocham as flores em forma de papileonácias cam-

paínhas. São os panamás ao natural. E' só enfiá-los na cabeça.

Para usar estes chapéus é imprescindível saber falar correctamente o *luso-brasileiro-bundo-guarany*... e ter um papagaio em casa.

Em caso contrário, o panamá encajava com a piada e desata a murchar, a murchar, até ficar do tamanho de uma pevide.

Quando o chapéu regressa ao estado de pevide não há mais nada a fazer senão deitá-lo fora.

Se queremos um autêntico chapéu

de palha de forma geométrica, há que preceder como vai indicado na gravura que ilustra estas prosas inacreditáveis.

### Utilidade do chapéu de palha

Antes de mais nada, o chapéu de palha serve para dar de comer aos chapeleiros.

Depois de muito usado não serve para nada.

Na Europa usa-se só durante o verão, quando êle é quente.

Na América usa-se todo o ano, ainda que chova.

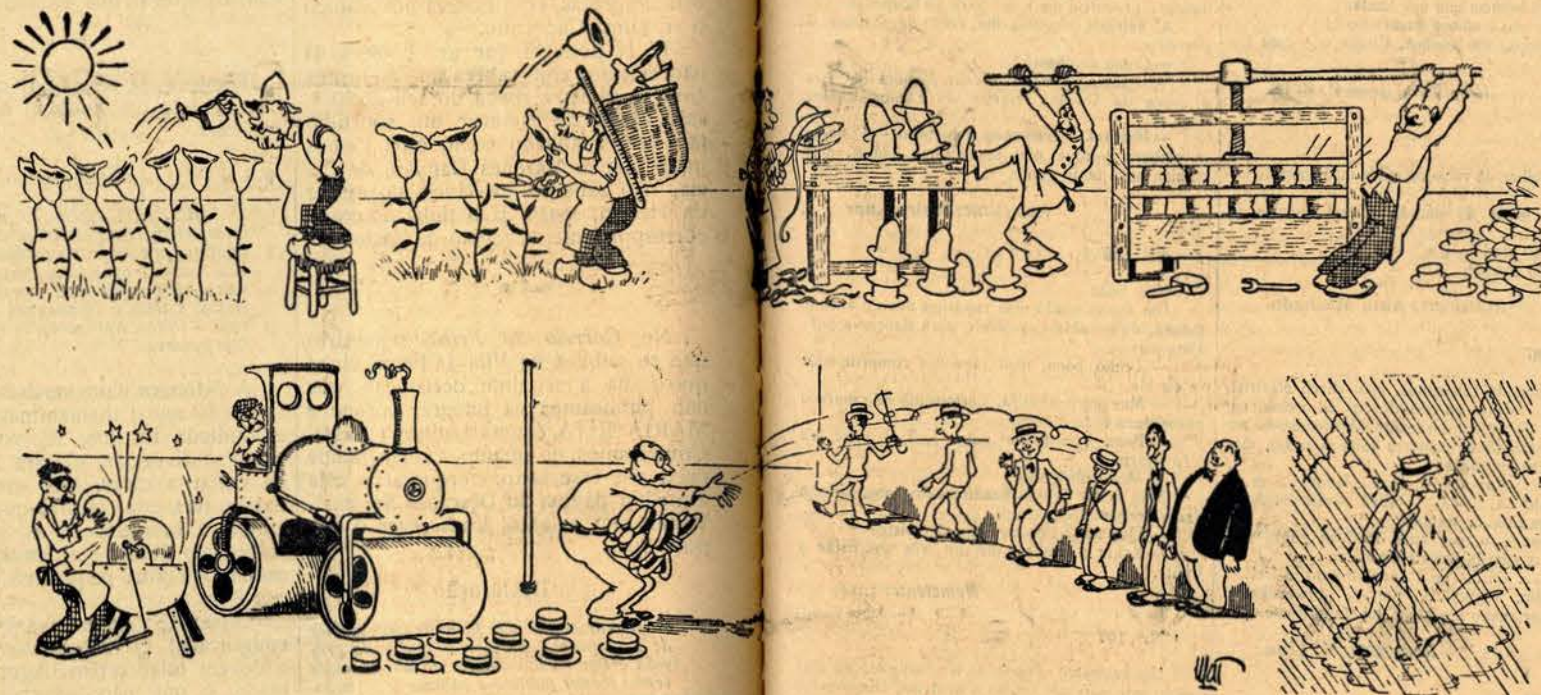
Por isso é freqüente ver aí pelas ruas, no pino do inverno, uns sujeitos com cara de lorpa, encasquetados de palhinha: são os brasileiros de torna viagem, que, coitados dêles, analfabetos 100 % falados e escritos, não leram nunca o *Borda-Leça*...

Além disso o chapéu de palha dá de comer a muita gente de bem e de bom apetite.

A criatura que no mundo mais uso faz do chapéu de palha é o grande actor cinematográfico Maurício Chevalier. Este homem faz uso do chapéu como um polícia sinaleiro faz uso do casse-tete. Serve-lhe para tudo, tudo! E quantas cinéfilas doentias, ao vê-lo dar um piparote na aba retesada, não pensarão noutras coisas mais doídnhas. O'... ó... Mitzi!...



## EVOLUÇÃO DO CHAPÉU



1 — Cultura. 2 — Colheita. 3 — Preparo. 4 — Entanto. 5 — Acabamento. 6 — Expedição. 7 — Utilidade.

**CASA DAS GABARDINES**  
Rua Santa Catarina, 134 e 138  
**PORTO**

Artigos impermeáveis para homem, senhora e criança.

**A UNICA, A VERDADEIRA, A QUE MAIS BARATO VENDE. NÃO CONFUNDAM.**

**CASA DAS CASIMIRAS**

Avenida dos Aliados, 1 a 5 — PORTO

(Edifício da Nacional)

Filial da CASA DAS GABARDINES

**CONFECÇÃO ESMERADA. FATOS, GABARDINES E SOBRETUDOS.**



# A MELHOR QUE EU SEI

## Anedotas, Epigramas & Calemburgos

No nosso último número foi premiada a anedota n.º 76.

N.º 90

Entre capitalistas:  
— Ontem à noite, numa rua escusa, ia morrendo.  
— Como assim?  
— Partiu um tiro não sei de onde, e veio bater-me nesta moeda de 10 escudos que tinha no bolso do colete. Foi ela que me yaleu.  
— Ora aí está o que se chama um dinheiro bem colocado.

Remetente: Bar Bedo.

N.º 91

Ao fim da tarde passava no Rossio uma cocotte com uns sapatos já bastante cambados.  
Reparando nela, um garoto dos jornais diz para outro:  
— E' pá! olha aquela gaja com sapatos à Luís torto!

Remetente: Tripeiro (De gema).

N.º 92

Uma mulher da provincia vai depor ao tribunal.  
O Juiz (fazendo as perguntas da praxe) — Promete dizer a verdade pela sua honra?  
A Testemunha — Não, senhor Juiz.  
O Juiz — Porque não?  
A Testemunha — Porque sou casada.

Remetente: Monteiro II.

N.º 93

— Quem te pôs os dentes?  
— O dentista X.  
— Pois parecem mesmo naturais!  
— Efectivamente, parecem-se tanto com os naturais que, às vezes, chegam a doer-me.

Remetente: Zé Barão.

N.º 94

Um garoto entra numa padaria e pede um pão.  
— Quanto custa?  
— Onze vintens.  
— Mas o pão não tem o peso — diz o garoto.  
— Não te importes. Leva-te menos tempo a comer — responde-lhe o padeiro.  
— Ah! Sim senhor.  
Puxa por nove vintens e põe-nos sobre o balcão.  
— Faltam dois vintens, — diz-lhe o padeiro.  
— Não se importe. Leva-lhe menos tempo a contar.  
E foi-se embora.

Remetente: António R. G. Faria.

N.º 95

Um médico, inimigo da literatura e dos literados, conversando um dia com Dumas pai, atirou-lhe este remoque:  
— O sr. é dotado de uma tão terrível facilidade de produção, que lhe será de-certo necessário possuir um palácio, para aí guardar as suas obras; naturalmente, manda-as encadernar em veludo ou setim.  
E Dumas, muito pavorrento:  
— Olhe, eu lhe digo. Antes encadernado em setim ou veludo, de que na madeira dum caixão, como o senhor faz às suas.

Remetente: Zé Maria.

N.º 96

O aviador (para o presidente do Aero-Club) — Sr. Presidente, tenho a honra de o convidar a fazer uma subida no meu avião.  
O presidente — Você está besta!... Nessa não caio eu, que não estou para morrer! Eu cá só subirei de balão cativo, porque se aquela porcaria arrebentar, eu desço pela corda!

Remetente: Palitús.

N.º 97

O conhecido fotógrafo amador Julião, vai tirar o retrato a sua prima Engrácia.  
No momento de meter em foco, Julião diz contemplando a imagem da prima, que se reproduz no vidro fosco:  
— E' curioso! Estou a vê-la de pernas para o ar!  
Engrácia encolhendo os ombros, indiferente:  
— Não tem importância! Eu hoje trago calças.

Remetente: Reirobi.

N.º 98

Um dia o Fernando, foi a exame para ama-nuense das O. Públicas e ao quadro, o examinador pergunta-lhe sobre aritmética:  
— O que é um quebrado?  
O Fernando indeciso e coçando na cabeça, responde:  
— E' um homem que usa funda.  
— Você não conhece quebrados? !  
— Conheço, sim senhor. Conheço o meu tio de Cacia.

Remetente: José P. Bela.

N.º 99

Uma mulher de recados entra num toucinheiro e pergunta:  
— Faz favor de me dizer, tem focinho de porco?  
— Tenho sim!  
— Então ronque.

Remetente: Anto Machado.

N.º 100

Na Praça da Liberdade, num carro eléctrico da linha 9, estava na plataforma da frente, um passageiro de aspecto franzino. Aproxima-se um moço provinciano de aspecto forte e sadio, mas gago, que lhe pergunta:  
— Fá... Faz-me o fa... favor... di... diz-me: Este cá... cá... carro passa em A... A... Aguas San... Santas?  
O passageiro, por sinal também gago, volta-se para o guarda-freio e diz-lhe:  
— Oh... Oh... se... senhor guarda-frei... frei... freio, respon... pon... ponda-lhe o se... senhor senão éle bá... bá... bate-me.

Remetente: K. Lino.

N.º 101

Num teatro de Variedades um improvisador de versos pede ao público palavras compridas.  
— Anticonstitucional — diz um.  
— Está bem, responde o artista, agora outra.  
— Elástico — grita outro.  
— Mas elástico não é bastante comprida; observa o artista.  
— Mas puxe-a, que esticará.

Remetente: Bibi.

N.º 102

Maria Florinda, que se tinha casado havia apenas dois meses, foi procurar sua mãe.  
— Minha boa mãe: Venho pedir-lhe o favor de me comprar um novo anel, igual ao que tinha e que comprei para o meu casamento.  
— Mas porque o não compras tu?  
— Realmente... mas... que dirá o ourives?  
Estar casada há apenas um mês e já comprar outro anel.

Remetente: Horácio Ferreira.

N.º 103

— Diga-me, minha senhora; por que toca piano de luvas?  
— Para não acordar o meu filhinho, que adormeceu neste instante.

Remetente: Bouboule.

N.º 104

Num exame:  
— O que sabe de Vasco da Gama?  
— Nada, porque não me meto na vida alheia!...

Remetente: Rei Vagabundo.

N.º 105

Um português após ter chegado ao Rio de Janeiro, procurou um hotel para se hospedar.  
A' entrada pergunta-lhe, como de costume, o porteiro:  
— Como se chama?  
— António Coutinho Ferreira Mendes da Costa e Silva da Cunha Teixeira de Lemos Passos Dias A...  
— Basta — interrompeu o porteiro. — Pode-se ir embora porque não temos nem camas, nem comida para tanta gente.

Remetente: Rutra Luar.

N.º 106

Num baile.  
Um rapaz vendo uma rapariga nova e encantadora, dirige-se-lhe, pedindo para dançar a próxima música.  
— Tenho pena, mas já estou comprometida — diz ela.  
— Mas para a outra. Certamente não marcou pares para toda a noite...  
— Bem. Vou tomar nota. 1, 2, 3, você fica p'ró quarto.  
— Muito obrigado.  
Mas como tivesse ficado muito cabisbaixo, a dama pergunta-lhe:  
— Que tem? Porque ficou tão triste?  
— Estou a lembrar-me dos três que estão à frente.

Remetente: Lizé.

N.º 107

Um professor, depois de ter castigado um discípulo por não ter sabido a doutrina, chamou-o e ordenou-lhe que dissesse o Padre-Nosso.  
O pequeno a chorar:  
— Padre nosso...  
— Adiante.  
— Que estás no céu...  
— Adiante.  
— Santificado...  
— Adiante, seu burro!  
— Seja o vosso nome...

Remetente: X.



# FOLHAS DE ALFACE

## CARTAS DA CAPITAL



Minha querida MARIA RITA:

Vão finalmente mudar o Arsenal de Marinha para o Alfeite.

Eu não sei se tu sabes o que é o Arsenal, — e o que é o Alfeite. Não sei mesmo se tu sabes o que é Lisboa.

Eu digo-te, começando pelo todo...

Lisboa, capital de Portugal, seria uma das mais lindas cidades do mundo, se não tivesse casas. Mas tem casas; muitas casas. E aí é que está o seu mal. Deus Nosso Senhor tinha pensado formar aqui, em homenagem a Santo António, que aqui nasceu, a mais linda cidade europeia; preparou tudo para esse efeito. Amontoou as colinazinhas de boa altura, rasgou a bôca imponente do Tejo, e ergueu, mais altos, os montes da Outra Banda, — onde hoje existe uma Banda só: — a incrível Almadense.

Entretanto, os negócios do mundo torceram-se. Deuses deu de rédea aos homens. E estes, apanhando-se com Lisboa à disposição, desataram a fazer asneiras; — foi sempre esta a nossa grande volúpia colectiva.

E nota que isto não é, nem mesmo indirectamente, «fazer política». Não. Esta asneira, (e eu não falo de outras...) dura há umas poucas de gerações, e tem por cúmplices nós todos.

Vendo que Paris abriu alas para saúdar um regato, — o Sena; vendo que Londres se curvava em reverência ante o seu Tamisa de onze varas; Lisboa, que tinha um rio a valer, assarapantou-se. Era preciso, era urgente, procurar um ribeiro; e, virando costas ao Tejo, desatou a correr para o Lumiar, na esperança de alcançar um dia a ribeira de Loures; precipitou-se para Bemfica, só por lhe dizerem que teria Sete Rios a meio caminho... E, por fim, pezarosa de não encontrar o que queria, fêz no Campo Grande uma covinha, onde os anjos vieram fazer chi-chi... E teve o seu primeiro Lago.

Ao longo do Tejo, onde o pórtico monumental do Terreiro do Paço é a amostra de um tecido prodigioso que se acabou na loja, para não ver aquele estafermo daquele rio tão grande, para se defender dos horizontes, para se couraçar e entrincheirar contra uma invasão de Beleza, Lisboa aliñhou quanto barracão de tijolo, quanto monte de estrume, quanta indústria fedorenta pôde encontrar. E enquanto, pelas suas pavorosas avenidas novas, prédios anémicos se iam abaixo das empenas, num desmaio de califas, — aqueles barracões, vergonha da sua e da nossa cara, não houve nunca tremelique de alicerces que os achatasse, tufão providencial que os mudasse para o Inferno, ou, sequer, — raio que os partisse!

Não senhor. Lá estão. Lá estarão. A Torre de Belém continuará a ser como sempre foi, — uma virgem enclausurada num motor a gás pobre.

Agora, como digo, vão mudar o Arsenal para o Alfeite. Mas sempre, entre nós, o mal é remediado a médio; como se um Bem que fica a meio caminho pudesse algum dia ser um Bem...

O erro começou com o Marquês de Pombal, que, logo ao lado do Terreiro do Paço, construiu aquele mostrengo; mas há uma única maneira de remediar o erro: — é matar o mostrengo. Ou será

princípio odontológico aceitável isto de tirar a um desgraçado... a metade de um dente?

Queria-se tudo arrazado, corajosamente, radicalmente. O que se pensa fazer é um remedeio apenicado e pião. Mudam-se as oficinas, mudam-se as docas, muda-se tudo; mas fica o casarão que era o que mais imperiosamente se queria dali para fora.

Sébo!

Vendessem-no como pedreira, e ganhavam um dinheirão. Dessem o material a quem o levasse de-pressa. Dinamitassem-no. Tudo era preferível a deixar ali ficar aquela rocha no gargalo da cidade, — uma vez que pensam dizer-lhe: — bebe!

Desafrontassem o Largo do Pelourinho, dessem ao desgraçado nudista que trepou para o frontão da Câmara Municipal, um horizonte mais sugestivo do que o que espreitará, por janelas exíguas, para dentro do Tribunal da Relação. E afogassem em espaço, em jardins, em flores, aquele cano de esgôto que dá pelo nome de Rua do Arsenal!

Tu nunca passaste pela Rua do Arsenal? É uma trincheira de combate, com 5 metros de largura; a única via de comunicação entre o lado oriental e o lado ocidental da faixa marginal da capital. Vai tudo em al, e cheira muito mal.

A direita quem vai para oeste, está um renque de prédios que caíram lá de cima, do largo da Biblioteca, da Rua Vitor Cordon, de todo aquele planalto do Chiado. Escorregaram, e, com medo de esmurrarem as ventas no Arsenal, encostaram-se à escarpa por onde haviam caído.

A esquerda, a todo o comprimento da Rua, — é o mostrengo. O tal, que lá deixam ficar.

Por essa vala, comum de automóveis, eléctricos, carroças, camiões e transeúntes, tem a gente que passar todos os dias, mais de uma vez. Não resistem os casacos, que fiquem coçados nos cotovelos, ao fim de dois percursos de ida e volta; gretam-se os sapatos, submetidos a um regime intensivo de pizadelas do próximo; e, pessoa, animal, ou veículo, todos se sentem involtos numa sujidade respirável, escravos de uma lentidão circulatória que os amalgama, os comprime, os funde sordidamente numa massa cambroneana, a caminhar pensosamente, num intestino grosso.

E vai ser mudado o Arsenal!

E vai sobreviver a Rua do Arsenal!

Nós não temos a noção do espaço, da perspectiva, da visão panorâmica. Vamos ao Rio de Janeiro. Vemos que, em vários pontos, a Avenida Beiramar, prolongada por jardins, atinge uma largura maior do que a que iria do Tejo até à Rua do Arsenal, assim absorvida e morta. Achamos lindo o Rio de Janeiro. Sabemos que lá, quando foi preciso, não só se derrubaram edifícios colossais, como se arrasaram colinas inteiras, que tinham casas e ruas em cima... Tudo isso vemos. Tudo isso sabemos. Depois, voltamos para cá, — e damo-nos a cultivar o pião.

Se passa a relaxação, se volta a ordem, esta não sabe ir além de «arranjar o que está», — mesmo que «o que esteja» esteja às avessas...

E assim se gastam louváveis esforços a criar a Avenida de 24 de Junho, — entalada contra uma linha férrea que nunca ali devia estar; e assim fazemos a Avenida da Índia, nome soberbo, e artéria soberba, entalada entre tanques de pitroline, fábricas de açúcar, pivetes de produtos químicos, pirâmides de carvão, — e terrenos vagos onde tódas as tardes, quando venho do Estoril, vejo gente agachada a fazer cócô.

Enfim.

Seja tudo em desconto dos nossos pecados. Eles são muitos. É natural que seja muito alta a taxa do respectivo desconto...

Dispõe do teu dedicado

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

## Tiros sem chumbo...

Dizem de Bombaim ter sido preso um inglês que, por aborrecer as mulheres, se entretinha a alvejar as raparigas com a sua carabina de ar comprimido.

(Dos jornais).

Não sei o que justifica  
A prisão deste aliado!  
Dar seus tiros, o que implica?...  
Se nenhuma tem chumbado...

Lá porque êle se entretém  
A apontar, e só graceja!...  
Que crime disso advém,  
Se unicamente as alveja?...

Pois que delas se aborrece,  
E porque assim se diverte;  
— A razão disto me incumbe... —  
Tal prisão não prevalece,  
... Tem crime só quando acerte  
E de yerdade êle as chumbe.

João do MINHO.

## Posta restante

**Manuel Brandão** — Não aborrece nunca. Mande sempre que serão publicadas na sua ordem cronológica.

**F. Leal Júnior** — Foi pena! Afinal, o dinheiro só vem aquele que escorre da nossa testa. Mas a intenção é tudo, e essa agradecemos-la.

**Lérias** — Agradecemos tudo. E o «Académico» fica à espera das suas lições, que serão publicadas, desde que... façam parte integrante do humorismo.

**Dr. Crasto, Argentina, Incógnito, Amarrantino** — As glosas chegaram fora de horas. E nós demos quinze dias para a remessa. Eis a

razão porque não foram publicadas. Tenham paciência e acertem os relógios.

**Colatudo de Camões** — Presente o seu protesto razoável. Será patente ao júri a sua queixa. Oxalá seja tomada na devida e justíssima consideração.

**Crisântemo** — Obrigado pelos recortes. A seu tempo lhe será feita justiça. Temos tal quantidade que só descongestionando às vezes com 2 páginas.

**Elmano Stamor** — O seu alvitre vem ao encontro das nossas tenções. Simplesmente, tentaremos dar às produções charadísticas um cunho humorístico. Brevemente até, começaremos um concurso de enigmas figurados *caclianos*; quer dizer: é obrigatório na sua composição, pelo menos, um erro ortográfico. Obrigado pela assinatura.





Para o mote

**Se o trinta e dois rebentou  
Que fará o trinta e três?**

recebemos as seguintes

**GLOSAS:**

**MARIA RITA:** Eu te vou responder a... perguntar, P'ra te pôr's no meu lugar, Se o trinta e dois rebentou; Se as normas ultrapassou E fraca figura fez; Se apanhou um tal revés; Se não tem valor nenhum No jogo do trinta e um, *Que fará o trinta e três?*

(Santo Tirso).

**Adriano X. Nel.**

Por, no natal que passou, Haver rancho melhorado Eu perguntar, humorado *Se o trinta e dois rebentou!* «Foi tanto o que manducou Que, dizem, só d'uma vez Papou o manjar d'um mês!» A comer assim tão ancho E ficando alguns sem rancho *Que fará o trinta e três?*

(Lisboa).

**Só Darco.**

O «dezassei» desertou, O trinta e cinco também E já perguntei a alguém *Se o trinta e dois rebentou* Com aquela a quem amou Que é prima do Zé Inês A quem é já d'uma vez Quis rebentar c'os queixos; Se ela entrar nos eixos *Que fará o trinta e três?*

(Lisboa).

**Henrique Cardoso.**

Para a tropa já não vou, Nem mesmo por um decreto. Não de dar-me razão, de certo *Se o trinta e dois rebentou ..* Tanta fome lá passou, E tantas vontades fez... Ah! 'inda digo outra vez: Quando vir o seu calção Levado para a solidão, *Que fará o trinta e três?*

(Maia).

**Rutra Lunar.**

Quem é este mote inventou Mostra juízo não ter Mas que quer isto dizer? *Se o trinta e dois rebentou* Com certeza não achou Mote pior — talvez Na ocasião que o fez Teria sangue de Cristo Pois inda vem com mais isto *Que fará o trinta e três?*

(Pórtio).

**Monteiro II.**

Mais um ano que acabou, Resta agora, prescruitar, Em que irá isto parar, *Se o trinta e dois rebentou* Vários Bancos, e levou Em cem falências por mês, Os cobres ao bom burguês, (Que coisa que mais espante, Virá no ano adiante!... *Que fará o trinta e três?*

(Gonçalo).

**Zé Barão.**

O trinta e dois desandou, o trinta e dois infeliz, há muita gente que diz *se o trinta e dois rebentou.* Coitado, lá se safou aposto que tu não crês as desgraças qu'ele fez! Que disto ninguém zombe se não foi a hecatombe *que fará o trinta e três?*

**Sesenem Miopla.**

Ruim fada nos ofertou um ano de tanto azar, não vale a pena pensar *se o trinta e dois rebentou.* Chegou ao fim, acabou veremos mais uma vez mais este que Deus nos fez. Eu tenho mui fraça fé, por isso, dirá o Zé: *que fará o trinta e três?*

**Pirilau.**

A's vinte e quatro acabou A semana, o mês, o ano Foi-se o grande magano *Se o trinta e dois rebentou.* Nenhuma pena nos deixou, Vai começar outra vez Vida nova, e talvez, Quem sabe o que será D'aquí a um ano se verá *Que fará o trinta e três?*

**Reirobi.**

O Zé a chorar me contou Que o seu carro vai vender Pois de-certo o vão prender *Se o trinta e dois rebentou* Pois éste já atropelou E com certeza desta vez Se o que disse, foi o que fez Pouco tempo deve durar Se por milagre escapar *Que fará o trinta e três?*

**Amarantino.**

Com éle tudo acabou E tudo chegou ao cabo Pois que o leve o diabo *Se o trinta e dois rebentou* A nossa Rita marcou Nisso tu não descrês Antes acreditas, crês Se o velho estoirou E que tão mal nos cheirou *Que fará o trinta e três?*

**Horrível.**

No três vez nove cá estou, Entrou na Sala — azar, Começou tudo a estourar *Se o trinta e dois rebentou!* O trinta já amou, Foi as amoras talvez, O trinta e um por sua vez A ninguém favoreceu O trinta e dois mal correu, *Que fará o trinta e três?*

**Octávia Maria**

Consultar a bruxa vou Para que ela prediga Se isto não será intriga *Se o trinta e dois rebentou* Este velho não deixou Saúdaes, d'esta vez A's avarias que fez Vaticino cá p'ra mim Se éste rebentou assim, *Que fará o trinta e três?*

**Zé Pato.**

O trinta e dois esticou Porque, sendo uma enguia, Comia!... Comia!... Comia!!!... *Se o trinta e dois rebentou.* Foi porque éle hoje apostou

Comer com intrepidez Sete ranchos duma vez!!... E eu procuro uma resposta: (P'ra receber esta aposta *Que fará o trinta e três?*

**Amaral.**

Quem do trinta e um passou Fêz um jogo de estouvado!... Com mais um, pelo Diabo, *Se o trinta e dois rebentou!...* Se no trinta mesmo chegou, Passando, mui jogo fez... Da falta de lucidez Veja o resultado pois: Rebentando o trinta e dois, *Que fará o trinta e três!...*

**Alfredo Cunha (Raza).**

Pelo ano que findou Ou 'stá prestes a flindar Não vale a pena chorar, *Se o trinta e dois rebentou* O seu passado deixou Poucas saúdaes talvez, Nada tudo de cortês; Mas se éle foi assim mau, Travesso, falso, marau, *Que fará o trinta e três?*

**Delfim de Freitas.**

Quem glosar, glosou. Esse mote assim ratião, Causando-me confusão, *Se o trinta e dois rebentou.* Que rebente!... Mas não dou Um centavo por tal rês, E confesso, d'esta vez Não quero entrar no concurso, *Se fizer figura d'urso* *Que fará o trinta e três?...*

**Rei Louro.**

Mais um ano que acabou Sem saúdaes nos deixar. E caso para perguntar: *Se o trinta e dois rebentou;* Alguém por éle chorou? Creio que não, mas talvez Chorasse qualquer burguês Por uma simples razão; Se o que lá vai não foi bom *Que fará o trinta e três?*

**Julifer.**

Mais um ano já passou A nossa idade aumentando, Poucas saúdaes deixando, *Se o trinta e dois rebentou.* Quanta gente se enganou Nas contas certas que fez Ao carapau do malitês A ver se à custa dos gratos Comprava mais uns suputos! *Que fará o trinta e três?*

**Tito.**

Não hei de estar como estou Esquisito e macambuzio, Sem alegria no luzio, *Se o trinta e dois rebentou* Sem dar o que me acabou! Ficaria p'ra outra vez Esses três contos por mês! Em problema tão frenético, Para mim mais que patético, *Que fará o trinta e três?*

**Asinus.**

Quem de pobre não passou Neste ano que agora finda, Não sofre saúdaes infinda *Se o trinta e dois rebentou!* A mim bem me castigou Até por mais duma vez Com perlinaz malvadez! Mas se eu fizer uma figa Caso o azar me persiga, *Que fará o trinta e três?*

**Tripeiro.**

Deus o deu, Deus o levou. Como falta alguma fez Que por lá descunse em poz. *Se o trinta e dois rebentou,* Foi mais um que se passou E que não volta outra vez, E se algum mal éle fez De nos deixar a abanar E' caso p'ra perguntar: — *Que fará o trinta e três?*

**Tripeiro (de gemal)**

Tudo se foi... se acabou!... De que me valeu sonhar?!... Mas... p'ra que me hei-de ralar... *Se o trinta e dois rebentou!...* Mais um ano que findou... Mas vem outro, e desta vez, Não levará mais de um mês, Que eu pergunte no meus bofes. Deverei ter lussões?!... *Que fará o trinta e três!...*

**Rei dos Nabos**

Porque é que não soou Com um estronho medonho Este ano tão enfadonho? *Se o trinta e dois rebentou!...* Este ano que hoje acabou Foi de tão triste jaz. Que mui pouco ou nada fez Que eu pudesse perceber!... Resta-me agora saber: *Que fará o trinta e três?*

(Aceiro).

**Quim Mosquita**

Um ano mais acabou. O velho ano, coitado, Foi agora amortilhado. *Se o trinta e dois rebentou,* Saúdaes não nos deixou, Pois o malandro, o malitês Dia a dia, mês a mês, Só nos trouxe dissabores. Porém, agora, senhores, *Que fará o trinta e três?...*

Léria.

Já lá vai, já se acabou, Já não faz mais diabruras, Já lá se vão as tristuras. *Se o trinta e dois rebentou.* Com pés de lá éle entrou, Lindas promessas nos fez; Mas sãtu uma tal rês Que não nos deixou saúdaes. Vamos a ver meus confrades *Que fará o trinta e três?*

(Aceiro).

Olegua

O trinta e dois esticou, Já não nos dá mais sarilhos, O pior é que, meus filhos, *Se o trinta e dois rebentou* Já outro ano chegou... Já outro locou a vez. Falta saber se o frezês É como o ano defunto. Por isso no mundo pergunto: — *Que fará o trinta e três?*

(Aceiro).

Zé Mens

◆◆◆

Está provado que os nos  
sos glosadores são cada vez  
mais numerosos. Por isso  
é-nos absolutamente impos-  
sível dar hoje mote novo



Quem é?  
Qual é?

Jornais há muitos, mas existe um só,  
Que pelo seu comércio original...  
A todo o bom gaiense causa dó,  
Ao ler a sua prosa burrinal.

De altura tem: — 1 metro e 25;  
Não excede a medida o director,  
Que este jornal dirige com afinco,  
Acalentando as gralhas com calor...

Vê se adivinhas pois, caro leitor,  
Destá MARIA RITA sem igual,  
Qual é esta folheca sem valor?...  
Quem é o director dêste jornal?...

Rei dos NABOS.

Decifração do número anterior — Quem é?  
Arnaldo Leite.

Matadores: Só Darco, Alvarcarso, Tom Mix,  
Lizé, Reirobi, João da Sé, Monteiro I e II, Octá-  
via Maria, Abd-el-Krim, Fantasma Negro, Ama-  
rantino, Rei do Jazz, Bob Custer, Denis King,  
Cirrado, Zé Barão, Seugirdor, Harold, Lérias,  
Dellim de Freitas, Oinotna.

## Resposta

### ao outro Tripeiro

As perguntas esquisitas  
Que você me atira à cara,  
São um tanto atreviditas  
E marcam pessoa avara.

Além disso o meu vagar  
Para tesas discussões  
É pouco, e tenho de andar  
Em cruas consumições.

Mas enfim vou responder  
Ao questionário macanjo,  
Não vá por lá ocorrer  
Algum fatal desarranjo!

Sou filho do Pai Adão  
E neto do Padre Eterno:  
De vezes nimia porção  
Passou por mim o Inverno!

Quanto ao nome de Tripeiro,  
Uso-o desde a heróica era  
Em que o nosso brio o gera  
A voz de João Primeiro!

Em face da antiguidade  
Em que assentam meus direitos,  
Reconheça que em verdade  
Falecem os seus despeitos!

Mas não pense opôr recurso  
Ao meu dizer contumaz,  
Pois em findando o concurso  
Farei tratado de Paz!

Os autênticos tripeiros,  
Carecas ou gadelhudos,  
Não serão zaragateiros  
Nem camaradas peludos!

TRIFEIRO.



## As confissões dum espôso feliz

Sou feliz! Completa, integralmente  
feliz! Tão feliz como um guarda-re-  
publicano em dia de peixe-espada,  
como o dito dentro de água ou como  
minha avó quando lê, na secção de  
Necrologia, a notícia duma morte im-  
portante.

E sou feliz porque amo, porque  
adoro cegamente, surdamente, muda-  
mente a minha mulherzinha, no que  
não faço mais que a minha obrigação,  
não acham?

Ela também merece tudo, a minha  
boa Cunegundes! Bem sei que o seu  
nome, que não é lá dos mais bonitos,  
não convida muito a amá-la, mas creio  
que ainda os há piores, não acham?

Sei também que ela tem mau génio,  
quer dizer... aquilo a que os outros  
costumam chamar mau génio e a que  
eu, mais razoável, chamo apenas...  
não ser uma pessoa mole, no que pro-  
cedo bem, não acham?

Mas há-as, julgo, com génio muito  
pior. A mulher do Fagundes, por exem-  
plo, não passa um dia que lhe não  
parta na cara algumas peças de louça,  
uma coisa que a minha mulherzinha  
era incapaz de fazer, não acham?

A minha, muito mais razoável, li-  
mita-se apenas a atirar-me com as  
escôvas, panelas, vassouras, etc., e uma  
ou outra vez (bem raras, coitada!) a  
dar-me com uma bengala de giesta,  
enfim, tudo coisas que não quebram e  
que mostram bem o seu admirável  
espírito de economia, não acham?

Ao Fagundes, vai-se-lhe tudo quanto  
ganha em louça, o que é bem diferente  
do que, felizmente, me sucede a mim,  
não acham?

Mas a minha mulherzinha não é  
má, coitada! Bem pior do que ela é a  
sua mãe, que vive também encolada e  
que toma sempre o partido da filha nas  
questões que esta tem comigo, malhan-  
do-me as duas como quem malha em  
centeio verde. Mas a culpa deve ser da  
mãe dela, que é uma fera, não acham?

Contudo, a minha sogra ainda não  
é a pior fera lá de casa. Pior do que  
ela é a minha cunhada Bernarda, que  
também vive connosco.

Quer dizer... talvez não seja a  
Bernarda, porque pior do que ela é a  
outra irmã, a minha cunhada Balbina,  
que também lá vive.

Ou a outra, a Beatriz, ou a outra...  
já vêem que a minha mulherzinha,  
quando comparada com as cinco irmãs  
que também vivem connosco, não é  
nada má para mim, não acham?

Sim! A minha Cunegundes é um  
anjo! E' claro que tem os seus momen-  
tos de mau humor, como os tem toda  
a gente, não acham?

Ainda ontem me pediu 250\$00 para  
fazer uma ondulação permanente. E como  
eu, delicadamente, a advertisse de que  
estava à espera da gratificação do fim  
do ano para lhe dar o dinheiro, ela,  
coitadita, em altos berros, reuniu a  
família e as seis, quais novas padeiras  
de Aljubarrota, se fartaram de me am-  
sasar as costelas com quantas pás encon-  
traram pela cozinha.

Mas ela tinha razão, não acham?  
Já que eu quis provar a ambrosia do  
matrimónio, é natural que lhe beba o  
cálice até às feses, não acham?

Dr. KNOX.

## Concurso Perjuro

Não podemos ainda neste número  
dar a nota da glosa e das respostas pre-  
miadas em virtude de não ter reunido  
o júri para o efeito. Por esta mesma  
forma convidamos o senhor Perjuro  
a indicar-nos em carta, qual a sua pre-  
ferência. Mais ainda: todo o nosso  
interêsse seria ouvi-lo, o que será fácil  
se quiser ter a maçada de passar pela  
nossa redacção qualquer dia, das 18 e  
meia horas até às 19.

## Boas Festas 1932 - 1933

Novo Ano! Vida nova!  
Boas Festas te desejo  
MARIA RITA, num beijo;  
Que te faça andar de roda.

Na lira o mais doce harpejo,  
Te dedico a vida toda,  
Cantando como em boda,  
Cheia de vinho e de queijo.

Mas já estou atrapalhado,  
Receio de dar um estouro  
Sem este ter terminado...

Estou pior do qu'um besouro,  
Não posso mais... 'stou danado!...  
Festas Felizes,

Rei LOURO.





## Juízo do ano desportivo

Este juízo, é um juízo que aparece tarde. Mas por isso mesmo deve ser mais ponderado porque até nas pessoas o juízo só aparece quando caem os primeiros cabelos.

E tanto isto é verdade, que se o fizessemos no nosso número passado, diríamos francamente que o ano de 1933 seria um ano de glória invencível para o Foot-Ball Club do Pôrto. Todo o 1932 o demonstrou, e não seríamos nós, pobre Zé das Botas, quem o contrariaria.

Mas o demo estava apostado em desmentir-nos a todos; e é assim que, no primeiro dia do ano de 1933, os nossos rapazes, os rapazes da MARIA RITA, ficaram, em Lisboa, com a fala metida no bucho, e de vazas empatadas.

*Bemfica-Pôrto* diziam os jornais e os pregoeiros desportivos; mas o certo é que o Pôrto não ficou bem, e nós sofremos com isso. A MARIA RITA não acompanhou os rapazes, e foi por isso, de-certo, que êles se sentiram desamparados. O nosso filho mais dilecto, o Waldemar não alinhou; por isso o Pôrto perdeu a linha e deixou que os homens de Lisboa fizessem tanto como nós.

Consta também que o Avelino já não dormia desde a noite do Natal, e por isso já não podia abrir senão meio olho apenas. E que o Carlinhos e o Carneiro, mal viram o Pinga meter-se na defesa, deixaram o ataque à Divina Providência e assistiram à maravilhosa exibição do Alvarito, que viu as suas acções subirem na Bôlsa do Desporto.

E o resultado desta tarde de 1.º de Janeiro, foi um começo de ano muito mau.

E é esta razão que nos leva a fazer um juízo do ano um pouquinho negro, que tem um único fim: estimular todos os desportistas nortenhos para que o nome do nosso *foot-ball* seja respeitado e temido, como o foi até à noite de ano novo. Vamos a isto:

Durante o ano de 1933 teremos ocasião de ver no Pôrto alguns *matches*

internacionais; com derrotas de parte a parte e algumas vitórias só de uma delas.

Partir-se-ão 52 costelas falsas e 13 verdadeiras, e os entorses serão mais frequentes do que as enchentes nos campos.

O Pinga meterá 27 *goals* sem ôsso e dará uma salva de 21 daqueles tiros que o hão de levar à história.

Serão mortos em campo 6 árbitros nacionais, e ficarão em estado grave mais dois internacionais.

Os Lisboaetas, se forem finalistas ao campeonato nacional, levarão o desafio para o Estoril, porque o público de Coimbra tem uma parcela de 5 % a favor do Pôrto.

O Boavista contratará mais 5 jogadores profissionais e será castigado durante 20 anos e 100 dias.

O Académico encomendará luvas pretas para todos os jogadores, porque o seu director que veio de Africa entende que lá quasi todos os desportistas as usam naturalmente.

O Salgueiros, pela bôca do Viriato vai pedir emprestado o aeronauta Fernandez, para o seu grupo subir... no balão.

O Progresso, continuará a fazer progressos e a andar ao sôco no campo.

Em Gaia serão efectuados desafios com os seguintes grupos: Fósforos que riem, Tabacos de Portugal, e Amorfos com cabeça.

E no fim dêste ano em que entramos agora, talvez que o Campeonato de Portugal fique de posse de algum *team* português.

Nós ainda apostamos pelo Foot-Ball Club do Pôrto.

Zé das BOTAS.



## 0 meu cartão

Aos director's da MARIA,  
Que primam p'la cortezia  
E por natural verniz,  
Nestas seis linhas modestas,  
Eu desejo boas-festas,  
E um ano novo feliz.

BISNAU.

## Epitáfio

Sob êste frio mausoléu  
Repousa um rico judeu,  
Que ficou de todo exausto  
Co'uma grande comoção,  
Por ter perdido um tostão  
Em certo negócio infausto.

B.

Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. MARIA RITA:

O abaixo assinado, mais do que maior e vacinadíssimo, portador dum honroso bilhete de identidade e mais crente e amigo da verdadeira moralidade do que vários ateus e libertinos, disfarçados em gente piedosa; o abaixo assinado, Heráclito nas lágrimas e não nos êrros e Jeremias nas endechas, já que o não pode ser nas profecias, e ainda com exame de instrução primária, certidão do registo criminal e ressalva do serviço militar; o abaixo assinado, homem de génio em actividade permamente, muito bem relacionado com Homero, Dante, Camões e João Maria Ferreira, compadre de Vitor Hugo, de Pasteur e do Fajardo, rival de António Ferro— pelo que pode ser chamado António Chumbo—e *alter ego* do gorduroso Brito Camacho, inimigo do catecismo e do latim... mas só *alter ego* no que toca a piadas, chalaças e madurezas; o abaixo assinado, colaborador fulgurante do nosso melhor jornal de caricaturas, ao lado de Marcial Jordão—marca dum excelente vinho espumoso, fabricado em 1876—e de Artimanha, vinho novo, mas já com tanta *agulha*, que promete dar um *vinhão*; o abaixo assinado, com ambas as mãos sôbre o peito e os pés no ar—mas sem taxas no calçado—de cabeça alta e beijos convulsos num beijo profundo e infinito, oscula em espírito a mão gorducha e leitosa da escultural MARIA RITA e, depois de ter consultado seis dicionários, vinte almanaques e os versos de Teixeira de Pascoais, exclama, tropeja e conta, genial e inconfundível, num arranco de originalidade divina:

Boas-Festas! Boas-Festas! Boas-Festas! Por muitos anos e bôls!

CHORAMIGAS.

# ANUNCIOS da MARIA RITA

## Movéis usados

PIANO VELHO, em segunda mão, compra-se por bom preço.

ALUGA-SE gramofone, aos dias, sabendo *cantochão* e cantando a *Avé Maria*. Preço módico, visto ter sido adquirido em boas condições.

Dirigir propostas em carta fechada às Galerias Noar ou ao único sócio capitalista Xi Coto.





## A "MISS DIABO"

Apostamos singelo contra dobrado em como não há ninguém no Pôrto que não tenha visto a extraordinária peça dos nossos directores Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa.

Mas se por acaso houver por aí alguém que ainda não conheça a rainha das peças policiaes, não tem mais do que chegar-se ali ao teatro Sá da Bandeira e já fica sabendo que em Portugal houve em tempos quem fizesse música lindíssima, e que a morte às vezes ceifa almas que deveriam ser da terra eterna-mente.

*Miss Diabo*, além do seu libreto, que é dos mais humanos e sentimentais que temos visto, tem uma partitura de tal forma sentida e elevada, que quando a gente sai do teatro, vem com pena de não ser gatuno daqueles e não ter umas *mãos criminosas* capazes de encobrir um roubo imaginado. A coisa passou-se assim:

A prima Nina, era filha dum tipo muito rico que dava festas e jantares por dá cá aquela palha. Este pai tinha a cisma de comprar chicotes cravejados a brilhantes e pôr em cima dos móveis daquelas coisas que é de uso meter-se nos cofres fortes.

Foi por isto que despertou no seio de Nina a vontade de dar aquilo tudo a um primo Nero que nem mandou deitar o fôgo a Roma nem ao coração da prima. Fazia versos. E esta pecha

dará que pensar ao explorador Saavedra, e ao Xisto Ximenes, natural de Chaves, que tomou a peito descobrir se os versos estavam certos.

E' nesta altura da cena que aparece o Amarante disfarçado em gatuno e a dizer que as mãos eram mais criminosas do que as da Severa que Deus haja.

E como o Xisto Ximenes era o polícia de giro, deu-lhe para implicar com o Fandelírio de Amarante. O resultado foi bonito: no dia seguinte foi encontrado amarrado ao cofre forte com a bôca tapada com um pano e o cachimbo metido pela bôca abaixo.

E ao passo que o primo Nero fazia versos à prima o Fandelírio ia roubar flores a casa do conselheiro para levar à Nina porque simpatizava com ela por causa do viciozinho de roubar que ela tinha.

Mas o Xisto é que não andava satisfeito; e a pouco e pouco começava a descobrir que naquela casa, além do cão havia gato.

E quando viu o Fandelírio arranhado numa mão ficou com a certeza de que êsse gato era feminino e que a Nina não era estranha àquela manifestação bichânica.

Os gatunos, porém, são quasi sempre boas pessoas e o nosso Fandelírio era um modelo de virtudes, e disse ao pai da rapariga que era êle quem tinha

roubado o colar, as jóias e o chicote; êste último, sobretudo, porque tinha o costume de cavalgar os muros.

E com esta manifestação de solidariedade, termina a peça entre palmas dos espectadores e entre lágrimas da Beatriz Costa que já não podia passar sem as mãos criminosas do Amarante.

Resumo: uma linda peça, muito nossa, quer dizer, muito dêles: do Arnaldo e do Carvalho.

Deus lhe dê a vida que merece, porque qualidades não lhe faltam.

J. de ARTIMANHA.



### CARTAZ DE HOJE

*Sá da Bandeira*: A comédia lírica, género policial, em 3 actos *Miss Diabo*.

*Carlos Alberto*: A peça em 2 actos e 5 quadros *A Viela dos Gatos*.

*Rivoli*: Concêrtos pela *Grande Orquestra Filarmónica de Madrid*.

*Trindade*: O filme falado em francês *Mata-Hari*.

*Ollimpia*: O entusiástico filme *Quick*, o *Pathaço*.

*Batalha*: A deliciosa opereta *Era uma vez uma valsa* e o drama *Chantagem*.

## A ADEGA IDEAL DO LAVRADOR Tem actualmente espalhadas no Pôrto, na Foz e em Matozinhos 14 ADEGAS:

R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. do Teatro S. João, 91 (Vulgo Cima de Vila); R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395; R. de S. Roque da Lameira, 2785; Aven. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cordoaria); L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo: Campo Pequeno); Trav. da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braancamp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Aven. Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos.



# CONCURSO DO NATAL E ANO BOM

## JOGO DO QUINO

### 4.<sup>a</sup> SEMANA

						69		85
1	19							
6	16							

Nome .....

Morada ..... Pontos .....

(Recortar por aqui)

Como vêm, já estão só 6 números. O concorrente tem direito a marcar 4 destes 6 números, para ver se acerta nos 3 que saem do saco semanalmente. Depois de os marcar de qualquer forma no cartão, recorta-o e envia-o para a nossa administração até à quarta-feira seguinte, assim como o cupão apenso, devidamente preenchido.

No nosso próximo número diremos os números saídos, de acôrdo com o envelope lacrado que está em exposição nas montras da Agência de Publicações, à Praça da Liberdade, e por êles poderá o concorrente ver, no final, se estão certos os pontos que lhe são atribuídos.

A relação dos pontos correspondentes a cada concorrente só será dada no primeiro número depois de terminado o concurso.

Os números saídos na primeira semana são os seguintes: 34, 49 e 60.

3.<sup>a</sup> Partida — com 9 pontos, 2; com 8 pontos, 10; com 7 pontos, 17.

**N. B.** — Ao concorrente que queira começar nesta semana, terá de nos remeter os recortes da 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> semanas, e ser-lhe-á contada uma Quadra, que corresponde a 3 pontos certos.

## VAMOS AO QUINO, MEUS SENHORES

*São mais de 6.000 escudos de valor,  
num total de mais de 200 prémios*

**VER O PLANO DO CONCURSO NA NOSSA SEGUNDA PAGINA**